



Por que estamos sendo derrotados?

Não adianta querer dourar a pílula. A eleição de Bolsonaro, a aprovação da Reforma da Previdência na Câmara com 379 votos a favor, o corte de verbas da Educação Federal, a militarização das escolas em andamento e o avanço da tramitação no Senado do fim da estabilidade dos servidores públicos foram duros ataques.

Não podemos esquecer que já tivemos as aprovações da Reforma Trabalhista, da Emenda Constitucional nº 95/2016 e da Reforma do Ensino Médio.

Estamos sendo derrotados em pontos importantes para não colocarmos a necessidade de repensar as nossas lutas e os rumos que estamos adotando. Por que estamos sendo derrotados?

Para tratar da nossa crise enquanto esquerda, Amanda Gurgel utiliza o conceito de ação performática: “o conceito é um termo para ilustrar uma tendência que temos observado nas organizações revolucionárias de priorizar a realização de eventos como manifestações e protestos em detrimento de trabalhos mais metódicos e continuados, tais como os de organização de núcleos por locais de trabalho e de moradia, em que se recupere o papel de combatividade dos sindicatos e de instrumentos como as associações de moradores, por exemplo. O termo ‘performance’ se deve a este tipo de ação: efêmera, pouco ensaiada, concentrada no tempo presente. É uma forma de simulação de radicalidade, um tática de visibilidade compensatória em face ao não ser que enraizamento e força social real para agir.”

O Ato da Educação em Brasília-DF do dia 12 de julho mostra muito dessa debilidade e sequer contou com a “simulação de radicalidade”. Uma manifestação com certo volume apenas em função, especialmente, do 57º Congresso da Une, onde nos limitamos a dar uma volta pacífica na Esplanada dos Ministérios enquanto a Reforma da Previdência era aprovada com toda tranquilidade e conforto por deputados comprados publicamente pela liberação de Emendas Parlamentares.

No início dessa jornada de lutas, estava apontado um caminho melhor: ações descentralizadas, realizadas por todo país. Mobilizações, panfletagens e debates. Atos que rompiam com a lógica de categoria, mas contavam com diálogo, planejamento e ações conjuntas do movimento estudantil e de diferentes segmentos do movimento sindical.

Entretanto, ao invés de aprofundarmos essa outra forma de lutar, de maior alcance, novamente nossos esforços se voltaram para a posição do “menos pior”, da não radicalização e do diálogo e dependência com os parlamentares. Reuniões com Rodrigo Maia (DEM-RJ), diálogos com representantes do “centrão” e o marcar/pensar nossas ações nessa mesma caixinha.

Enquanto nosso projeto for enfrentar o governo Bolsonaro somente para demarcar posição, aguardando 2022 chegar para tentar trocar o Presidente, já construindo acordos e projetando lideranças nos atos para eleições municipais, continuaremos sendo derrotados.

Por onde passam os novos rumos da luta da classe trabalhadora? Como fazer para sair desse ciclo e não ser arrastado à lógica eleitoreira que predomina hoje na esquerda? Não há resposta fácil e nem descolada das ações de diálogo e mobilização dos trabalhadores que estão acontecendo e não estão nos nossos espaços formais que temos atuado. A resposta que precisamos não está no mais do mesmo.

O tempo de mensurar o calendário por eleições não cabe mais. Mudar os rumos da luta para não continuarmos a ser derrotados é nossa tarefa e colocar novas perguntas para tentar novas respostas é uma necessidade para virar o jogo, derrotar Bolsonaro, a ultradireita e seus valores presentes no interior da nossa classe! É uma necessidade para não sermos mais massacrados e fazer com que os dominantes tenham medo da nossa luta, não o contrário! Uma nova lógica de luta é necessária e cabe a nós construí-la!

Future-se ou Privatize-se?

A Educação Pública e os nossos empregos estão em risco!

O ministro da Educação é o garoto propaganda do Future-se, a proposta do governo Bolsonaro para a Educação. Travestido de modernização, o projeto é um grande retrocesso para o ensino público: trata-se de uma proposta privatista e de precarização do trabalho.

O Future-se é centrado em três eixos:

- 1) Gestão, Governança e Empreendedorismo;
- 2) Pesquisa e Inovação; e
- 3) Internacionalização; e tem como pano de fundo a desorganização do Estado da atividade da Educação, que passará a ser de gestão e execução das Organizações Sociais (OSs).

A lógica do empreendedorismo precisa ser diretamente combatida nas IFEs porque é contrária à lógica da Educação Pública. A Educação tem sido alvo de ataques, já com os sucessivos cortes de verbas que se iniciaram em 2016, no final do governo Dilma, tiveram um aprofundamento com a Emenda Constitucional nº 95/2016 (de Temer) e agora

como política do governo Bolsonaro, que apresenta como solução à falta de recursos a captação de verbas junto ao setor privado. Ou seja, é uma nova chantagem colocada para a Educação: ou se rende à privatização e à parceria com as OSs, ou fica sem recursos para funcionar.

Com isso, a atuação social, as pesquisas que não sejam de interesse do mercado, os cursos e atividades que não sejam lucrativos simplesmente não existirão. Por consequência, teremos o fechamento de cursos e de instituições de ensino.

A situação ainda piora quando o Future-se fala que nosso trabalho e a gestão das instituições ficará sob responsabilidade das OSs, junto com o fim da estabilidade dos servidores públicos, que está em tramitação no Senado, e aliado à lógica privada dessas entidades, ou seja, contratar força de trabalho precarizada. Com a aprovação desse Programa, estaremos fadados ao fim dos concursos públicos, ao trabalho precário e às demissões em massa de trabalhadores da Educação.

É preciso que se diga, ainda, que as OSs atuam nas relações mais promíscuas entre os setores público e privado, chamadas de “terceiro setor”. Onde há implementação de OSs constata-se lavagem de dinheiro, apadrinhamento político, escândalos de corrupção e formação de milícias, por isso o governo Bolsonaro tem tanto interesse em emplacar o Future-se.

Coube aos trabalhadores da Educação a tarefa de impulsionar as lutas contra o governo Bolsonaro. E nós vamos continuar nessa tarefa: contra os cortes de verbas e contra a privatização da Educação, seguiremos nas lutas!



Mais um assassinato contra os que lutam

*Seu Luís Ferreira,
presente!*

Na manhã da última quinta-feira (18/07), o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) realizava uma manifestação nas proximidades do acampamento Marielle Vive, na cidade de Valinhos-SP, quando foram brutalmente atacados por um daqueles que se somam ao ódio destilado pelo governo Bolsonaro contra os trabalhadores.

O motorista assassino, que foi preso no final daquele dia, avançou com sua caminhonete contra a manifestação. Resultado: feriu dezenas e matou Luís Ferreira da Costa, trabalhador e estudante de 73 anos de idade.

Quando os trabalhadores buscavam se aproximar para registrar a placa do veículo, o assassino tentou retirá-la e ameaçou os manifestantes com uma arma de fogo.

Precisamos nos organizar e nos cuidar. Precisamos virar esse jogo! O MST tem uma cantiga que vem das Ligas Camponesas e que precisa ser resgatada, que fala sobre o risco de nos atacarem. Os poderosos é que precisam nos temer. Pelos nossos... seguiremos!



La Cigarra

Tantas vezes me mataram	Eu aos poucos percebi
Tanta vezes eu morri	Que o meu sonho não
Mas agora estou aqui	tem dono
Ressuscitando	E segui cantando
Agradeço ao meu destino	Cantando ao sol
E a essa mão com um	Como uma cigarra
punhal	Depois de um ano
Porque me matou tão mal	embaixo da terra
E eu segui cantando	Igual a um sobrevivente
Cantando ao sol	Regressando da guerra
Como uma cigarra	Tantas vezes te mataram
Depois de um ano	Tantas ressuscitarás
embaixo da terra	Tantas noites passarás
Igual a um sobrevivente	Desesperando
Regressando da guerra	Mas na hora do naufrágio
Tantas vezes me	Na hora da escuridão
afastaram	Alguém te resgatará
Tantas reapareci	Para ir cantando...
E por tudo que vivi	
Vivi chorando	Música: Renato Teixeira
Mas depois de tanto	Composição: León Gieco
pranto	

Expediente

Esta é uma publicação do SINASEFE. É autorizada a reprodução total ou parcial do conteúdo, desde que citada a fonte.

Textos escritos por Camila Marques (coordenação geral)

Diretores de Comunicação: Lucrécia Iacovino e Michel Torres

Edição e revisão: Mário Júnior (MTE-AL 1374)

Design Gráfico: Flávia Destri Garcia

Contatos: dn@sinasefe.org.br e imprensa@sinasefe.org.br

Acesse nosso site: www.sinasefe.org.br



Filiado à

